

«A VIVÊNCIA DO BRASIL NA OBRA DE ESCRITORES PORTUGUESES»

Ana Cristina Tavares

Professora da Área de Línguas e Cultura da Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias

Resumo

Serão analisados excertos das obras de Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), Ferreira de Castro (1898-1974), Miguel Torga (1907-1995) e Joaquim Paço D'Arcos (1908-1979). Todos eles escritores portugueses dos séculos XIX e XX que têm em comum o facto de terem emigrado para o Brasil.

Apesar de experiências diversas, e em diferentes momentos da sua vida, todos os autores que nos propomos analisar deixaram produção literária resultante dessa vivência. A mesma assumiu, ora um carácter autobiográfico, ora um teor ficcional.

A problemática da emigração, a imagem do Brasil e certos traços linguísticos são marcas dessa experiência de vida passada em terras de Santa Cruz e que se transformou em matéria literária.

A emigração tem sido uma constante na história de Portugal desde o século XV, e quer seja do continente para outros países do estrangeiro ou da metrópole para o Ultramar essa temática serviu de inspiração a numerosos autores. Várias são as causas da emigração. A mais frequente será a busca duma vida melhor economicamente, mas também emigraram por motivos políticos, os intelectuais, os escritores ou os artistas, sobretudo a partir do século XVIII. A emigração para o Brasil adquire grande importância no imaginário colectivo português e daí ter também uma importante representação literária.

Começa pois a esboçar-se o tipo do português que emigra para o Brasil denominado «brasileiro», geralmente um novo-rico pretensioso e ridículo que aparecerá profusamente nas narrativas do período romântico sobretudo com Camilo Castelo Branco.

De facto o Brasil tinha um enorme poder atractivo para o povo português, sobretudo das províncias nortenhas. Desde 1565 uma carta régia impedia as naus destinadas à Índia, e que por alguma razão não pudessem lá chegar, de aportarem ao Brasil tendo de regressar a Portugal. Qual a razão dessa norma? Além de outros motivos parece que nessas frequentes paragens no Brasil a gente de bordo fugia para terra o que mostra já uma preferência por terras de Santa Cruz. Tentava-se assim evitar a fuga dos homens que despovoavam o reino de Portugal.

Entre os vários territórios ultramarinos o fluxo emigratório preferia o Brasil à Índia onde sobrava gente e à África donde provinham os escravos. Afrânio Peixoto faz o elogio desses portugueses:

«Esses portugueses que tornam são os “brasileiros”. Eram homens rudes, sem eira nem beira /.../ que se despediam do amado lar, e foram, /.../ em busca de Fortuna. Um, em cem, a encontra, após porfiada luta de trabalho sem trégua, trinta anos de penas e suor, e fadiga, e privações...».¹

¹ Afrânio PEIXOTO, «O Brasileiro ou o Equívoco Português», separata de *Broetéria*, vol. XXVI, Fasc. I, Lisboa, 1938, p. 4.

No presente estudo debruçar-nos-emos sobre escritores portugueses que tiveram em comum o facto de terem vivido a experiência da emigração no Brasil e da qual resultou produção literária. Essa produção teve por vezes um carácter autobiográfico e outras vezes assumiu um pendor ficcional. Os autores seleccionados foram Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), Ferreira de Castro (1898-1974), Miguel Torga (1907-1995) e Joaquim Paço d'Arcos (1908-1979).

Este último escritor, no prefácio à sua obra *Diário dum Emigrante*, faz uma reflexão lapidar sobre a problemática da emigração que nos parece oportuno evocar:

«Uma ideia ressalta destas páginas em primeira e mais nítida impressão; a que ele pretendeu resumir na citação de Ferreira de Castro: "escravos, não de implacável senhor, mas de uma ambição mais implacável ainda". Essa ideia é a que suscita o drama dos emigrantes, o do pacóvio da terceira ou do filho família da primeira, ambos idos à aventura, com igual ânsia de triunfo, igual dose de ilusão e, em relação um e outro aos meios diferentes, em que se agitam, igual falta de apetrechamento e preparação. Neste último o drama é mais pungente porque o complexo espiritual domina o material; é nele maior a sensibilidade, mais alto o sonho erguido, mais violenta e dolorosa a queda. O campónio sofre mas aclimata-se melhor; a còdea que rói não difere em muito da que na sua aldeia comia. Saudade, que nele não passa de sentimento mal definido, é no emigrante culto, dor da inteligência».

Esta reflexão é bem elucidativa sobre os aspectos que unem os quatro escritores portugueses emigrados para o Brasil na sua juventude. Com efeito a sua sensibilidade e cultura ou o seu desejo de se instruir distancia-os da maioria da população que buscava somente o conforto material.

Francisco Gomes de Amorim, nascido na região do Minho em 1827 e falecido em Lisboa em 1891 é conhecido como o ilustre biógrafo de Almeida Garrett, este último considerado um dos introdutores do Romantismo em Portugal e o reformador do teatro português. No entanto Amorim foi também poeta, dramaturgo, contista e romancista chegando a sócio da Academia das Ciências de Lisboa.

Oriundo de uma modesta família de lavradores, o seu espírito de aventura impeliu-o para o Brasil com apenas 9 anos de idade. Com efeito, foi aliciado, na sua pequena terra natal, com promessas ilusórias de riquezas fabulosas no país longínquo. Viveu no Pará como caixeiro mas acabou por fugir para a região amazónica onde terá vivido cerca de um ano.

Autodidacta, depois da leitura do poema «Camões» de A. Garrett torna-se seu admirador entusiasta e decide escrever-lhe solicitando-lhe a sua protecção e ajuda. Garrett responde-lhe e acaba por lhe proporcionar os meios de se instruir, já de regresso a Portugal, tornando-se igualmente seu amigo.

Amorim atravessa diferentes fases do Romantismo português salientando-se a sua inspiração exótica e marítima. Como poeta terá

sido um epígono de Garrett diferenciando-se pelas evocações dum Brasil primitivo e nos seus versos avulta por vezes a gratidão à pátria de exílio:

«Foi-me terra de exílio nova pátria,
Embora aqui me devorasse a angústia
D'ignota aspiração, a febre ansiosa
De vagas esperanças e desejos!
Mais foi aqui, no seio das florestas,
Aspirando os aromas, que embriagam,
Desses milhões de agigantadas flores,
Contemplando esses rios majestosos,
Ao calor deste sol que funde as almas,
Em poemas de amores delirantes,
Aqui foi que um lampejo destes astros
Se incarnou em meu ser, e a luz do estro
Fulgurou em minh'alma, transformando-a!»²

A curta estadia no Brasil deixou-lhe marcas profundas e persistentes, exemplo disso são algumas das obras dramáticas, nomeadamente *Ódio de raça* de 1854, a qual foi exibida nesse mesmo ano alcançando notável êxito e o *Cedro Vermelho*. Em ambas se impõem as figuras de escravos com todo o seu rancor e ódio perante a situação social que eram obrigados a viver.

Outro drama, publicado em 1860, intitulado *Aleijões sociais* foca o problema da emigração. Mas é o romance *Os Selvagens* de 1875 que constitui uma minuciosa evocação do Brasil e da cultura indígena da região do Amazonas:

«Os Selvagens são uma tela admirável da vida do Brasil, onde não falta nenhum dos cambiantes daqueles quadros soberbos e imponentes, que a natureza oferece aos olhos dos que logram demorar-se ali, naquele país onde o sublime do natural e o grande do inculco se fundem num conjunto soberbamente belo /.../ Não falta neste romance a pintura exacta e fiel dos hábitos dos índios, a demonstração do prestígio do missionário, o desenho de cenas daquela natureza selvagem, estupendamente poética, sublimemente impressionadora. /.../ Mas onde Gomes de Amorim se mostra verdadeiramente artista, é /.../ no vigor das imagens, /.../ nas descrições que quase reproduzem a natureza, na fidelidade inimitável com que nos pinta aqueles rios majestosos, aquelas florestas gigantes, aquelas árvores colossais, que se elevam aos ares como que para saber o segredo dos astros; /.../»³

Através deste romance de acção conhecemos os hábitos, tradições, crenças e linguagem dos índios mundurucús contactando igualmente com outras tribos com as quais os primeiros travam combates, nomeadamente os índios parintins e os apiacas. A região amazónica e sobretudo o rio Madeira, um dos afluentes do Amazonas, e algumas

² Anselmo VIEIRA, *Elogio Histórico de Francisco Gomes de Amorim*, Lisboa, Tip. de Cristóvão Augusto Rodrigues, 1891, p. 26.

³ *Ibid.* pp. 20-21.

localidades urbanas são os espaços em que decorre a narrativa que se situa por volta de 1835.

Há um evidente elogio dos índios mundurucús que serão evangelizados por missionários brancos, nomeadamente pelo já idoso padre Félix. Nas páginas do romance desfilam três gerações duma tribo mundurucú. No entanto, os índios apenas temporariamente e de modo superficial aderem aos hábitos e costumes dos brancos, voltando lentamente à sua cultura nunca esquecida. Parece-nos ter havido somente o respeito pela cultura ocidental e o que afinal perdura é a cultura e tradições indígenas.

Um exemplo é constituído pelo filho do último cacique, chamado Romualdo Goataçara (de nome ocidental pois já fora baptizado e igualmente com nome tupi significando peregrino caminhante) que apesar de educado na cidade de Santarém, pelo irmão do missionário Félix, seu padrinho Romualdo, se sente constantemente atraído pelos hábitos e destreza dos seus progenitores. Em Santarém, o jovem chega a confessar aos criados que preferia lutar e atirar à frecha, em vez de aprender latim e lógica ou ajudar à missa.

Várias lutas sangrentas preenchem as páginas do romance, nomeadamente os conflitos resultantes da oposição ao poder governamental local de várias localidades, entre as quais Santarém. A ambição e a sede de ouro do homem branco, tanto no passado como na época em que decorre a acção, são representadas pelo francês Alberto Lacroix e estarão na origem da morte de inúmeros índios.

O autor, apesar de nos mostrar os hábitos guerreiros dos índios mundurucús, a sua crueldade para com os inimigos, nomeadamente os seus gostos antropofágicos, cria uma aura algo romântica em volta destes descendentes dos índios tapajós e tupis, refugiados no Brasil para fugirem aos conquistadores espanhóis.

Em várias passagens de *Os Selvagens*⁴ constatamos que o mundo dos indígenas se rege pelo respeito e aproveitamento dos recursos da natureza que os circunda. Deste modo, qualquer pensamento ou comparação tem como ponto de referência as plantas ou os animais da selva amazónica ou de algum rio que alimenta o gigante Amazonas.

Assim, os mundurucús, ao saberem que uma aldeia indígena havia sido queimada, decidem vingar-se dos índios muras sem demora afirmando: «A vingança é como os frutos do quiabeiro; não se deve deixar amadurecer porque perde o gosto; jacaré farto não come» (p. 123). Noutro passo, vociferando ainda contra os traidores e agradecendo a ajuda providencial do jovem Goataçara, exprimem-se do seguinte modo: «Se não fosse o filho do Tapajós, armado com a espingarda dos brancos, os índios do Tupinambaranas teriam caído todos, como cardume de acará que bebeu água de timbó» (p. 125).

Quanto ao domínio especificamente linguístico importa salientar que todas as referências aos diferentes vocábulos conferem verosimi-

lhança e dão cor histórica à obra. O romance é muito rico nos aspectos linguísticos pois tem imenso vocabulário de origem tupi, tomando, por vezes, o próprio narrador a iniciativa da tradução ou da explicação dos vocábulos, como ele próprio refere:

«Esses índios [mundurucús] são dos raros que ainda conservam vagas reminiscências e tradições dos seus antepassados, embora hoje falem apenas, em vez da polida língua peruviana ou do harmonioso idioma tupi, um dialecto bárbaro, derivado deste último» (p. 6).

A toponímia e a onomástica são alguns dos domínios ricos em alusões linguísticas. Os nomes de localidades tanto aparecem em português como em tupi havendo, por vezes, um retorno ao nome original outras vezes, pelo contrário, é a denominação mais recente que se impõe, sempre ao sabor das oscilações históricas. Também se verifica frequentemente a coexistência de diferentes designações consoante as culturas ou civilizações que se exprimem:

«Apesar de acostumado à vida civilizada, aos usos, alimentos e comodidades da casa dos dois excelentes irmãos, que o criavam e educavam, nunca era sem grande satisfação, como já se disse, que o jovem Romualdo reembarcava na canoa que subia o Tapajós, fazendo escalas por Alter do Chão, Vila Boim, Pinhel, Aveiro, Guaranacá, Sipotuba e outras aldeias, antes de chegar à cachoeira de Todos-os-Santos e ao salto de S. Simão» (pp. 72-73).

Ou ainda: «O Caiari que os portugueses chamaram Madeira, é um dos rios mais caudalosos de entre os que despejam as suas águas no Amazonas; /.../» (p. 109). Um último exemplo é bem elucidativo dessa coexistência e também da oscilação de diferentes toponímias, bastante natural quando convivem no mesmo solo diferentes culturas e modos de expressão:

«Na margem direita do rio Negro, ou Quiari, como lhe chamam os índios /.../ foi criada, em 1758, pelo governador do estado do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a vila de Tomar, que o horror aos nomes portugueses, e o código do processo, reduziram novamente a aldeia, em 1833, com o primitivo nome de Bararoá» (p. 164).

Relativamente aos nomes das personagens do romance é interessante verificar que ao nome de origem tupi dos índios mundurucús se acrescenta, nalguns casos, um nome ocidental, devido ao processo de evangelização. Assim, o primeiro cacique dos mundurucús a ser evocado no romance é Woipaigupi que significa lagarto. Esse nome foi escolhido devido à sua destreza e habilidade para montar armadilhas às tribos inimigas. O seu filho e novo cacique é Pangip-Hu que quer dizer pau d'água, pois não morrera afogado como os restantes índios quando lutavam contra os parintins. Este último, depois de se converter ao cristianismo adopta igualmente o nome Manuel Félix, em homenagem ao amigo missionário Félix. A companheira de Manuel Félix Pangip-Hu

⁴ Francisco Gomes de AMORIM, *Os Selvagens*, Amigos do Livro Editores, Promoclube, s.d.

tinha como nome Flor-de-Cajueiro e depois de batizada recebe o nome cristão de Maria, como ela própria refere:

«Eu já me não chamo Flor-de-Cajueiro; fui batizada com o nome de Maria. Aprendi a falar as línguas dos brancos e dos índios mansos; sei quem é o Deus verdadeiro, e venho explicar ao chefe os mistérios desse grande Tupá [crucifixo] que traz ao peçoço» (p. 44).

Os filhos de ambos são respectivamente: o herói Goataçara que em tupi significa peregrino caminhante recebendo posteriormente o nome de Romualdo como o seu padrinho branco, e a bela Porangaba, sinônimo de formosura que tão adequadamente qualifica a jovem índia. Mais tarde, esta acrescentará ao seu nome tupi, o de Gertrudes, influência, uma vez mais dos missionários portugueses.

Terminamos estas referências à onomástica sem esquecer os nomes dados a seres espirituais. Assim, Geruút significa Deus e Tupá identifica a divindade suprema. A notação exótica é dada sobretudo pelas divindades que habitam a natureza. Romualdo Goataçara e Gertrudes Porangaba, os dois irmãos índios que fazem a viagem pelo rio Caiari ou Madeira, com a sua canoa carregada de ouro e diamantes tentam passar ocultos:

«Dir-se-ia, vendo-os limitarem-se a deixar ir a canoa, levada unicamente pelo impulso da corrente, que receavam despertar com o bater dos remos na água os ecos das solidões que iam atravessando, a Coropia ou a Oiara, divindades poéticas e graciosas das florestas e das águas!» (p. 112).

Como referimos anteriormente, o mundo dos índios mundurucú aparece pautado pelo reino vegetal e animal que os circunda e em quase todas as comparações ou pensamentos há alusão à fauna ou flora amazônicas. Esse constitui, aliás, um dos domínios linguísticos mais ricos do romance *Os Selvagens*. O excerto seguinte é bem exemplificativo dessa profusão:

«Vive-se bem nestes matos, onde vieram acampar nossos antepassados /.../ não nos faltam aqui antas, veados, jabutis e taititús; os motúns, os inambús e as saracuras, feridos pelas zarabatanas dos mundurucús, vêm cair no terreiro, trazendo-nos com as suas carnes saborosas as penas resplandescentes do cocar do chefe; os tucunarés, os tambaquis, os acarás, os surubins, as piranhas, os jejús, os tamuatás, as tarahiras e as tartarugas povoam as águas deste rio /.../ crescem jovens por todo o lado, em torno da taba, os doces cotitiribás; o jenipapo e o bacuri, que recordam os seios virgens das jovens mundurucús; a mangava tão amada dos brancos; o roxo assahi e os cajus cor de sangue parintim; o coco da sapucaia, que resiste ao ferro como as cabeças dos bravos que resistem aos tacapés inimigos; as doces favas do ingá, os frutos do miriti, da bacába, do tucuman... de tantas palmeiras como o céu tem de estrelas!» (p. 96).

Este discurso, proferido pelo cacique mundurucú Manuel Félix Pangip-Hu, destinava-se a mostrar como aquela região era rica em alimentos variados e saborosos, tentando desse modo dissuadir o seu filho

de ir em busca das riquezas auríferas cuja localização só o cacique e os anciãos da tribo conheciam. Com efeito, Romualdo Goataçara, o jovem e determinado índio, filho do cacique, pretende com o ouro obter os meios de vingar os seus educadores brancos, mortos em Santarém por causa da Revolução. A profusão das riquezas comestíveis enumeradas, desde saborosos frutos, assim como de animais que povoam os ares, a terra e as águas, destinam-se a relembrar como aquele meio satisfaz todas as necessidades e desejos do índio.

Outro campo semântico relativamente abundante, também com vocabulário predominantemente tupi é o da guerra ou das armas, com o tacapé (arma ofensiva), o maracá (grande cabaça limpa interiormente que os indígenas enchem de pedras e agitam por ocasião de guerras ou de festas), a tangapema (espécie de clava ou maça), e ainda as tacuaras ou as ivirapemas. Em vocabulário de uso frequente e relativo à vida quotidiana temos alusões frequentes ao ubá (pequena embarcação de madeira de cedro), a taba ou aldeia indígena, ou o puracé: «Espantosas festas, que os índios denominam puracés sucederam na tribo das cachoeiras, à aclamação do novo chefe [Pangip-Hu] exterminador dos parintins» (p. 17).

Estes exemplos do tupi, pertencentes a vários campos semânticos e retirados do romance dum escritor português que viveu em terras de Santa Cruz evidenciam bem a originalidade linguística do Brasil como resultado da influência ameríndia.

O autor, apesar de se inserir no romantismo denota alguns traços realistas «avant la lettre», isso é evidente ao transcrever o discurso do chefe dos cabanos, mais tarde um grupo político, os quais entram em pânico ao pensar que estão na eminência de serem atacados pelos mundurucús. Segue-se uma cena cômica e algo ridícula que transcrevemos:

«/.../ subiu para cima do toldo de uma das canoas maiores, e começou a arengar aos seus, numa meia língua de preto, que quadrava perfeitamente aos que o ouviam: — Meus amigos! Fomo derrotado em Cuipiranga; perdemos quase todas as vilas do sertão e não sabemos se o rio Negro ainda pertence a nós; entramos no Mádica com tenção de pidi ós mura que viesse todo com as outras tribos do lago Autaz em nossa ajuda. Os mura acabam de se batido dos mundurucús /.../ índios mundurucús, que tem desejo de vingá seus parentes do Tapajós, si desce ao mesmo tempo que Bararó entra a subir, mete nós entre dois fogo e matam todos os diabo!...» (p. 160).

Após estas palavras começa a debandada geral e o chefe continua ridiculamente a falar mas já ninguém o ouve, recorre então aos insultos e às ameaças mas sem qualquer efeito:

«— Oíça cá! Escuta gente, com dez milhão de diabo! Inda não acabou di falá!... rugia o capataz daqueles bravos. — Refugiemo-nos lago Autazes, com os mura e outros amigos nossos, qui já lá estão; /.../ Si quer antes ir a Manaus, vamos sabê se ainda é nosso, ou si governo apanhou ele já. Genti do inferno?! Pára todo aí! Manda seu chefe di vocês, canalha indigno! Pára, senão trabalha bacamarte!...» (p. 161).

Línguas e Culturas

Neste discurso que procura transcrever o registo oral destacam-se essencialmente as seguintes diferenças em relação ao português europeu: o uso do singular pelo plural («Meus amigo»), a supressão do *r* final («sê», «vingá»), o emprego diferente das formas pronominais e sua diferente colocação na frase («mete nós entre dois fogo», «si governo apanhou ele já»), e por vezes existe mesmo a supressão de palavras («perdemo quase todas vila»); tudo características comuns tanto ao português do Brasil como ao de África.

O segundo escritor cuja vivência do Brasil se transformou em matéria literária foi José Maria **Ferreira de Castro**, nascido em Oliveira de Azeméis em 1898 e falecido em Lisboa em 1974. Teve uma vida bastante atribulada pois após ter ficado orfão de pai aos oito anos emigra para o Brasil com apenas doze anos e uma grande vontade de triunfar.

Uma vez em Belém do Pará fica a cargo dum comerciante que conhecera na sua terra natal. Aí trabalha num armazém de fazendas. Mas o patrão pretende livrar-se do seu protegido pois surpreendeu-o a ler jornais e revistas emprestados ou a escrever, o que lhe augura um futuro pouco promissor.

Judith Navarro refere como se decidiu a ida do jovem José para o seringal Paraíso, na margem do rio Madeira:

«Decorrido algum tempo, passou pelo armazém o dono de um seringal. Depois de alguns rodeios, o comerciante português falou no pequeno patricio que estava lá em casa, a seu cargo, enquanto não se arranjasse qualquer modo de vida.

— Não seria possível, por acaso, metê-lo nos trabalhos do seringal, até ele crescer? — indagou, muito untuoso, como se estivesse a cometer uma boa acção.

— Não me custa nada levá-lo para experimentar — disse o homem». ⁵

Na floresta amazónica trabalhou como um adulto e contactou com a miséria, sofrimento e degradação humana. A sua experiência permitiu-lhe vir a escrever o seu romance mais famoso, *A Selva* de 1930, relato comovedor e realista da escravização de seres humanos, presos à floresta da borracha pela dívidas que vão contraindo.

Após ter ficado quatro anos na selva amazónica, em 1914 Ferreira de Castro regressa a Belém do Pará com o objectivo de procurar emprego num escritório ou jornal. Mas com uma amarga hospitalidade por parte do comerciante português passa uma vida miserável sujeitando-se a qualquer trabalho. Finalmente consegue entrar para colaborador dum semanário e pouco tempo depois vê editado o seu primeiro romance escrito aos 14 anos de idade, *Criminoso por ambição*, uma história simples e ingénua que foca o problema dos emigrantes.

Regressa a Portugal em 1919 colaborando em vários jornais e revistas mas sempre com dificuldades económicas. Mais tarde, já nos anos 60, romancista consagrado, foi eleito presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Ferreira de Castro é considerado o introdutor do Neo-Realismo em Portugal inter-relacionando existências humanas e estruturas económico-sociais nas suas obras. Estas distinguem-se pela reprodução de sentimentos e acções e pelos sentimentos humanistas de comunhão universal. Em 1968 publica a sua última obra, *O Instinto Supremo*, uma espécie de despedida à Amazónia. Trata-se dum romance anti-racista de acentuadas preocupações ecológicas. A obra inspirou-se na epopeia humanitária de Rondon, o pacificador dos índios do Brasil. Esta breve resenha biográfica permite mostrar como a vida no Brasil influenciou a obra literária do autor sendo a emigração uma temática constante da mesma.

No presente estudo analisaremos duas das suas obras, *Emigrantes* e *A Selva*. Na primeira, como o próprio título anuncia, reflecte-se sobre o problema da emigração enquanto fenómeno universal, tratando o romance dum caso semelhante a tantos outros. Nesse romance mostra o autor o seu pendor humanista e a sua compreensão pelo drama do emigrante. Aliás, desde essa obra mostra F. de Castro as suas preocupações de ordem social que mais tarde o fizeram aderir ao movimento literário designado por Neo-Realismo, mais explicitamente com o romance *A lã e a neve*.

No prefácio à sexta edição de *Emigrantes* diz-nos o autor:

«Biógrafos das personagens que dir-se-á não terem lugar no Mundo, imprimimos neste livro despretensiosa história de homens que, sujeitos a todas as vicissitudes provenientes da sua própria condição, transitam duma banda a outra dos oceanos, na mira de poderem também, um dia, saborear aqueles frutos de ouro que outros homens, muitas vezes sem esforço de maior, sem transpor sequer a porta de sua casa, colhem às mãos cheias».

Com efeito, neste romance, o protagonista Manuel da Bouça, um lavrador português, luta arduamente no Brasil pela conquista da sua independência regressando mais pobre do que partira. Encontrará como milionário na sua terra o homem que o aliciara e explorara, a ele e tantos outros emigrantes. No referido prefácio explicita ainda o autor a universalidade do problema da emigração, resultante de uma organização económico-social desadequada:

«Além disso, seria erro atribuir ao Brasil, ou à Argentina, ou à América do Norte, que têm uma organização social idêntica à de quasi todos os outros países, responsabilidades especiais pelo fracasso que alguns emigrantes possam sofrer nas suas ambições, tanto mais que é verdade não estar preparada para a luta a maioria deles, constituída, em muitos casos, por pobres seres ignorantes que a Europa exporta diariamente. O drama é outro e é universal. Esses homens vão correr a sua aventura porque têm falta de pão ou porque se convenceram, justamente, de que no mundo em que vivem só quem dispõe de ouro tem direito às expressões capitosas da vida. Em

⁵ Judith NAVARRO, *Ferreira de Castro e o Amazonas*, Porto, Livr. Civilização Editora, 1958, p. 57.

circunstâncias particulares, são ainda iludidos por outros homens, que os exploram na sua própria terra, afirmando à ingenuidade deles que, mesmo assim rudes, mazorros, primários, encontrarão, neste e naquele trecho do planeta, fabulosas riquezas. Eles partem, então, fascinados pela miragem. Se culpas houvesse de estabelecer, à Europa as debitaríamos em primeiro lugar».

Vejamos mais em pormenor a história de Manuel da Bouça, lavrador de Oliveira de Azeméis, que aos 41 anos decide ir para o Brasil com o intuito de poder adquirir as terras que avista da janela de sua casa. Assim, deixará a esposa Amélia e a filha Deolinda, já em idade casadoura.

Não será difícil compreender a sua decisão se tivermos em atenção a imagem que se fazia do Brasil naqueles meios rurais e pobres nortenhos. Ao tomar conhecimento da decisão de Manuel da Bouça a povoação fica espantada e várias emoções se entrecruzam nos habitantes:

«— O Manuel da Bouça vai para o Brasil... As crianças ouviam os pais comentar a novidade e achavam-na tão extraordinária como a morte. Os homens, mesmo os mais timoratos, aplaudiram a resolução — e em quase todos eles existia, secreto, o desejo de imitar o audacioso. A aldeia era terra sem futuro e os exemplos dos que enriqueciam no Brasil mostravam-se mais numerosos do que barbas em pego onde se deita dinamite».⁶

E mais adiante reitera-se a ideia dum Brasil pleno de riquezas míticas, presente no imaginário popular:

«Em todas as aldeias próximas, em todas as freguesias das redondezas, havia o mesmo anseio de emigrar, de ir em busca de riqueza a continentes longínquos. /.../ O oiro do Brasil fazia parte da tradição e tinha o prestígio duma lenda entre os espíritos rudes e simples. Viam-no refflorir nas igrejas, nos palacetes, nas escolas, nas pontes e nas estradas novas que os homens enriquecidos na outra margem do Atlântico mandavam executar» (p. 32).

Chegado ao Brasil é a desilusão total pelo confronto com os que sofem a miséria. Por exemplo, ao encontrar um conterrâneo em Santos toma conhecimento da cruel realidade:

«— Mas tu não te tens dado bem?... — Eu? Eu, não. Estou cá vai para cinco anos e o único dinheiro que tenho juntado são esses cem mil réis que mando à minha mãe, pelo Natal e pela Páscoa. /.../ Todos nós mandamos dizer que estamos aqui muito bem, que é para a nossa família não se afligir e para não fazermos má figura junto dos conhecidos...» (p. 124).

Manuel da Bouça acaba por aceitar ir trabalhar numa fazenda do interior por um mísero salário. As más notícias do país natal também não lhe alegam a vida. Uma das missivas da esposa, por exemplo, informa-o da fuga da filha para casa do apaixonado por não a autorizarem a casar. Nessa fazenda brasileira Manuel da Bouça acaba por encontrar

um lenitivo para a sua vida árdua e desconsolada, a ternura da mulata Benvinda. Mas esta não querendo ceder às instâncias do feitor para que se torne sua amante parte pouco tempo depois para outra propriedade.

Manuel da Bouça incarna o drama do emigrante partilhado entre duas pátrias e igualmente dividido entre duas mulheres, a esposa Amélia que ficou em Portugal e a terna mulata Benvinda, a qual lhe diz antes de partir: «— Eu tenho pena de dexá seu Manué... Eu gostava di você... Mas é mió assim para seu Manué...» (p.184) E depois «— Si alem-bre qui você tem muié e qui ela tá esperando você... prometa qui mi faz a vontade» (p.185).

Miguel Torga refere essa mesma problemática do emigrante português:

«E o infeliz já nem sabe se ama a mulher legítima que o espera, se a preta com quem se amigou; /.../ a nova realidade e a velha disputam dentro dele uma primazia que não pode dar a nenhuma. Nem consegue esquecer o passado, nem renegar o presente».⁷

Pouco tempo depois da partida de Benvinda, e seguindo o seu conselho, Manuel procura trabalho em S. Paulo, iniciando-se a segunda parte do romance. Por vezes Manuel da Bouça, ainda com a sua natural simplicidade e ingenuidade, se interroga por não compreender a razão pela qual não o bafejou a riqueza:

«Afimal, onde estava todo esse dinheiro do Brasil que ele não via, nem para si, nem para os italianos, nem para os brasileiros que trabalhavam de sol a sol? O que ele enxergava era muita ambição e muitos pobres como em Portugal, como em toda a parte. Como teria enriquecido o Moradaís no Brasil? /.../ E o senhor coronel Borba? Como seria que eles enriqueceram?»⁸

Em S. Paulo, à miséria juntam-se novamente as más notícias, sabendo por carta da esposa que perdera as suas terras por não ter pago a hipoteca. Em poucos dias gasta na urbe o pouco dinheiro ganho durante um ano nos cafezais da fazenda e passa a trabalhar num armazém. Pela filha chega-lhe a notícia de que a esposa enferma morrera; já sem esperança por isso então ficar para sempre na pátria de exílio:

«Ficar! Ficar ali, no Brasil para sempre! Agora, que a filha estava casada com quem ele não queria, que a mulher morrera e as courelas lhe tinham sido tiradas, para quê voltar? Para que os outros se rissem dele? E voltar com quê? Não, não valia a pena!» (p. 220).

Mas afinal consegue regressar ao país natal pois com a revolução nas ruas encontra um morto baleado num jardim tirando-lhe os seus haveres. Esse pecúlio permite-lhe o retorno mas uma enorme desilusão o espera novamente. Constata que o Nunes da agência de viagens construiu um palacete nas terras que ele ambicionara e enriquecera afinal

⁶ Ferreira de CASTRO, *Emigrantes*, Lisboa, Guimarães Editores, 1943 (6ª ed.), p. 31.

⁷ Miguel TORGA, «O Drama do Emigrante Português», *Troço de União. Temas Portugueses e Brasileiros*, Coimbra, 1955, pp. 115-116.

⁸ F. de CASTRO, *Emigrantes*, p. 188.

à custa dos desgraçados que tudo empenhavam para emigrar. Depois de ter visto a filha, o genro e o neto, Manuel da Bouça decide ir para Lisboa a fim de esconder a sua miséria e tem este desabafo no final do romance: «— Amélia... Trabalhei tantos anos, tantos! e nem roubando um morto arranjei dinheiro para comprar a tua cova!» (p. 287)

Neste romance, de caracteres bem desenhados e bem enquadrados num drama social anuncia-se o florescimento do realismo social ao qual irão aderir vários escritores portugueses. Esta narrativa criando uma atmosfera de verosimilhança regista falas de personagens que mostram o modo de expressão característico do português do Brasil. Assim, por exemplo, um português de Trancoso há 12 anos no Brasil dirige-se a Manuel da Bouça na fazenda nos seguintes termos:

«— Lá, já si vê, entregava-se à lavoura? /.../ — Ah, o senhor é casado? — Casado... casado... não sou: mas é como si fosse. Viciara a linguagem original, suprimindo muitos *rr*, esdruxulando as palavras graves e acentuando quase todas as sílabas. — E não pensa voltar à terra? — Lá pensá, penso. /.../ Até parece que o diabo das pedras que nós vimo quando éramos mininos nos falam ao coração. Mas como voltá lá? Um home com mulhé e sete filhos, quando ganha para comê já deve está satisfeito» (pp. 156-157).

Do mesmo modo, os diálogos entre Manuel e a mulata Benvinda têm, no caso desta última, além das marcas dum discurso oral de características populares algumas das especificidades do português do Brasil. Assim, encontramos por exemplo a supressão do *r* final de palavra ou até o desaparecimento do *l* final («dexá seu Manué»); e o diferente uso das formas pronominais assim como a diferente pronúncia da vogal átona *i* («Eu gostava di você»).

Passemos agora à evocação do romance mais famoso de F. de Castro, *A Selva* de 1930, e um dos livros portugueses mais traduzidos em todo o mundo. Esta obra que retrata o drama dos trabalhadores dos seringais da Amazônia, corresponde a uma fase humanista na carreira do autor, apesar da sua objectividade quase fotográfica, tendo muito de reportagem e de situações realmente vividas. Esta obra constitui, em larga medida, um documento autobiográfico ligado a uma adolescência amargurada. O autor, durante vários anos viveu por outros caminhos literários, e só muito mais tarde se sentiu capaz de reviver a sua experiência amazônica:

«/.../ durante muitos anos tive medo de revivê-la literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivavam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas das seringueiras. /.../ Esse velho terror dominou-me sempre que tentei aproximar-me da selva nos meus primeiros livros; e das poucas vezes que o fiz, para eles colhi apenas alguns ramos marginais, nunca indo além do passeante distraído que estende o braço e, sem parar, arranca a folha do arbusto erguido à beira do seu caminho. Havia também em mim, nesse tempo, uma inquietação estética, incerta e pesquisadora como lanterna errando em longo subterrâneo; uma ânsia de singularidade impelindo-me para outras direcções e impondo-me outros assuntos, que eram, na sua

essência bem mais pueris, bem mais superficiais do que este como verifiquei depois».⁹

E mais adiante:

«Enfim, quinze anos vividos tormentosamente sobre a noite em que abandonei o seringal Paraíso, pude sentar-me à mesa de trabalho para começar este livro. Tudo parecia já clarificado no meu espírito, a síntese dir-se-ia feita e os pormenores inúteis retidos, como sedimentos, no grande filtro que a memória emprega para não se sobrecarregar». (p. 21)

Vejamos resumidamente em que consistiu essa saga amazônica vivida pelo autor para depois a confrontarmos com passagens da obra literária, pois se é verdade que a experiência vivida permitiu construir os alicerces do romance, também não deveremos esquecer o teor ficcional que caracteriza toda a obra literária que não seja exclusivamente autobiográfica. Aliás F. de Castro adverte-nos desses mesmos aspectos:

«/.../ pois se é verdade que neste romance a intriga tantas vezes se afasta da minha vida, não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente por mim. Tanto, tanto, que, algumas noites, suspendia bruscamente o trabalho, só por não poder suportar mais o clima que eu próprio criara».¹⁰

A viagem no «Justo Chermont» em direcção ao seringal foi uma repetição da anterior que levou o autor de Portugal ao Brasil:

«De novo, o convés húmido, negro e escorregadio, com um cheiro repulsivo que provocava náuseas. Mulheres e crianças de expressões mortíferas e sofridas e por toda a parte uma desagradável sensação de promiscuidade e miséria».¹¹

A aproximação do porto de Manaus põe em alvoroço os seringueiros mas afinal são impedidos de sair da embarcação pois o patrão do seringal teme que se evadam. Ao desembarcarem F. de Castro é enviado para o interior e, tal como os outros seringueiros teve de pagar o seu equipamento sendo-lhe descontado no ordenado a receber. O seu mestre no seringal é um mulato bondoso. Aí começa uma nova fase da sua vida tomando contacto com os vários perigos: as febres mortais, a incursão dos índios, o sofrimento e as injustiças. O preço da borracha nem sempre compensa o esforço de horas e horas de trabalho sob um calor tórrido, isolados em plena selva. As dívidas aumentam pois quase todo o salário fica no armazém de abastecimento, e além disso na altura das chuvas surgem as cheias impedindo-os de trabalhar e obrigando-os a comerem a crédito.

No romance o protagonista chama-se Alberto e emigra para o Brasil com 26 anos. Quase formado em Direito, vira-se obrigado a abandonar

⁹ F. de CASTRO, «Pequena História de A Selva» in *A Selva*, Lisboa, Guimarães Editores, 23ª ed., pp. 20-21.

¹⁰ *Ibid.* p. 22.

¹¹ J. NAVARRO, *Ferreira de Castro e o Amazonas*, p. 63.

o país por razões políticas, pois as suas convicções monárquicas haviam-no levado a opor-se ao governo republicano. Em Belém do Pará, a instâncias do seu tio, como não arranjava trabalho parte como seringueiro para a Amazônia. Aí fica com o mulato Firmino, alma generosa que lhe mostra o mester. A sua vida dura vai começar, a sua sensibilidade e cultura entrecrocavam-se com o ambiente da selva, grandioso mas cruel e as condições desumanas da vida no seringal formam o pano de fundo da obra. Acaba por surgir a oportunidade de ir trabalhar para o armazém do seringal ocupando-se da escrita do mesmo. Pensando ansiosamente em deixar aquela vida acaba por pedir à mãe velhinha em Portugal os meios para poder regressar. Afinal, de modo inesperado, o patrão Juca Tristão perdoa-lhe a dívida restante.

O elemento humano é indispensável na concepção da obra, pois não se trata do relato dum viajante ousado por lugares inóspitos, mas antes da revelação de uma das formas de escravidão moderna. No entanto o homem aparece como um ser insignificante perante a majestade da flora e da fauna amazônicas que tudo invadem e dominam. O romance é um autêntico hino à selva amazônica, considerada simultaneamente como prisão – «muralha verde» – e também como local de descoberta do esplendor e exuberância de espécies animais e vegetais insuspeitadas até então pelo protagonista, aqui um autêntico neófito. Temos sempre uma visão ambivalente, a floresta é um local belo e majestoso mas onde o perigo espreita em cada instante. Alberto após ter contemplado o cadáver do seringueiro Procópio, morto pelos índios parintins, faz a seguinte reflexão:

«Ah, quando ele pudesse recordar, longe dali, o pesadelo! Que sensação teria quando pensasse naquilo em Portugal, a uma mesa solitária de café ou subindo, sózinho, a Avenida da Liberdade, como fazia outrora, ao cair da noite, vendo os pneumáticos dos automóveis luxuosos e as bolas de borracha com que as crianças brincavam? Sim, a selva era bela, majestosa, mesmo deslumbrante. Era rica, havia de ser fantasticamente rica também, mas um dia – um dia que vinha ainda longe! Entretanto, toda a sua grandeza esmagaria, toda a sua deslumbrância seria volúpia do primeiro contacto, logo desvanecida pela monotonia; e os anónimos desbravadores iriam caindo, inexoravelmente, sob as febres palustres, traspassados pelas setas envenenadas, desvairados pela ausência do amor – escravos, pobres, miseráveis, ali onde a natureza erguia as suas mais fastigosas pompas!»¹²

O romance termina com o fogo que consome o barracão matando o patrão, Juca Tristão. Tiago, o antigo escravo negro confessa ser o autor do incêndio pois não perdoa ao seu amo Juca ter mandado espancar os seringueiros capturados após a tentativa de evasão. Nessa cena final, apesar do seu dramatismo, impera uma beleza algo fantástica que, uma vez mais, faz esquecer temporariamente o elemento humano:

«— A casa está a arder. Vamos, depressa!
Ergueram-se os dois e, descerrada a janela, o quarto iluminou-se por vivo clarão. Lá fora tudo quanto se via do céu era rúbido; havia estrela-ja-

mentos constantes e vistoso cortejo de fálhas dispersava-se no ar. /.../ A terra que ia da varanda ao rio era um deslumbramento. A sapotilha vestia-se de oiro e os japins, atraídos por tanta luz, assomavam a cabecita negra ao orifício dos seus ninhos, pendurados na ramagem; em amarelo se transformara o verde do capim rasteiro e, avançando sempre, o fulgor ia lambendo, esculturando-os na sombra, o bananal e as embaúbas da outra margem do igarapé. Para a frente, depois do recorte nítido das palmeiras, dispersava as trevas ribeirinhas, só esmorecendo a meio do rio, numa poalha flutuante.

Os olhos batiam no quadro amplo, fantástico, como nunca existira ali, nem mesmo em noite de estágio, no porto, de navio de dois canos, mas logo os nervos triunfavam sobre o assombro visual. As chamas enovelavam-se, distendiam-se, como panejamentos trémulos e dilacerados; ora se afuselavam e partiam em muitas línguas, fechando, lá no alto, os seus diademas, ora se abaixavam e corriam ao longo do beiral, descendo até envolver os pilares da varanda. Era uma rajada de fogo que se prendera no extremo do barracão, onde residia o amo, e lutava pela sua liberdade, na ânsia de ir mais longe, de se alastrar pelo dorso enegrecido do telhado. O esqueleto cedía e, às vezes um desmoronamento interior punha nota grave naquele murmúrio brando, ardente, de asas e de sedas.

Só as figuras ditavam sentido dramático ao ígneo espectáculo» (pp. 322-323).

Esta descrição é bastante expressiva e dinâmica. As formas verbais no Pretérito Imperfeito sugerem movimento e apelam frequentemente para a ideia de transformação ou mutação («afuselavam», «partiam», «distendiam-se»). O olhar do narrador desloca-se num plano vertical abarcando desde o céu, as árvores para em seguida descer às ervas e ao nível do rio. A sensação de profundidade também é acentuada, temos o espaço da varanda do barracão até ao rio e depois a vegetação da outra margem. O movimento vertical é aliás incessante e corresponde ao subir e descer das chamas, estas «ora se afuselavam e partiam em muitas línguas /.../ ora se abaixavam e corriam ao longo do beiral, descendo até envolver os pilares da varanda».

As comparações e personificações, em que as chamas aparecem como seres quase fantásticos, dotados de vida, contribuem para a expressividade da descrição, chegando o fogo a adquirir os foros de agente estético Assim se compreenderá a sua associação à escultura ou aos diademas intensificando a beleza do mesmo. Não é pois a ideia de destruição mas antes a de espectáculo magnífico e raro que se sobrepõe. Logo no início, quando a janela do quarto de Alberto e Elias se abre dá-se uma espécie de descoberta, de revelação propiciadas pela luminosidade do fogo. O narrador mostra-se fascinado por aquele espectáculo daí deter-se demoradamente no registo dos seus pormenores.

Seguem-se depois momentos de combate às chamas e descobre-se que Juca não pode ser salvo. Uma revelação inesperada vem intensificar o dramatismo da cena. O negro Tiago confessa ao guarda-livros ter sido o autor do crime:

«— Branco: me mande para a cadeia de Humaitá. Fui eu que deitei fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair... O assombro tornara

¹² F. de CASTRO, *A Selva*, Lisboa, Guimarães Editores, 23ª ed., pp. 280-281.

mudas todas as outras bocas e a do negro deixara de mascar. As linhas da sua cara, chupada pelo tempo, tinham, agora, rigidez de escultura em madeira e os olhos brancos, de tão quedos, dir-se-iam artificiais e encastoados. Havia zumbidos no cérebro de todos os presentes e na noite criara-se um vácuo enorme» (p. 328).

Trata-se dum antigo escravo amante da liberdade e que apesar de gostar muito do patrão não lhe perdoa ter tratado os seringueiros evadidos como se de escravos se tratassem. A sua crueldade mescla-se à sua dignidade elevando-o à categoria de símbolo:

«Humilde na sua serenidade, o olhar baixo, indiferente à cólera que o circundava, Tiago murmurou:

— Eu também gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo só nas senzalas. E já não há escravatura...» (p. 329).

E mais adiante, dirigindo-se aos cinco seringueiros castigados que estavam comovidos:

«— Me deixa, sua peste! Me deixa já! Não foi por ti nem pelos outros como tu que eu perdi a minha alma e vou para o Inferno! Foi porque seu Juca te fez escravo e aos outros safados que te acompanham. Se estivesse no tronco, como tu, o feitor que me batia lá no Maranhão, eu também matava a seu Juca. Negro é livre! O homem é livre!» (p. 330).

Esta cena do incêndio provoca uma transformação importante na personalidade de Alberto decidindo que nunca exercerá Direito como advogado de acusação mas apenas de defesa. A sequência descritiva termina naturalmente com o fogo que lentamente diminui de intensidade até se extinguir, apenas ficando as cinzas que o vento se encarregará de dispersar.

Neste romance, como seria de esperar dum livro com preocupações realistas, temos uma linguagem de variadíssimo vocabulário sobretudo de origem tupi, que identifica a flora e a fauna locais. Enquanto neófito, Alberto descobre a exuberância da selva amazônica extasiando-se perante o que vê: «— É uma sapopema — explicou Firmino, vendo Alberto a observar o raizado enorme, que se espalmava em lâminas, que eram como paredes, e se retorcia além, decorativamente, em cordame manuelino» (p. 112). Noutro momento, Alberto e Firmino vão pescar de piroga, o que ocasiona novas descobertas:

«Por uma fresta da selva vislumbrava-se uma pequena clareira — o chão negro, lamacento e sobre ele, peraltas de linda plumagem. Alberto reconheceu logo a garça nívea e delicada, o jaburu tristonho, o magoari pensativo, como se se houvesse despedido dum templo oriental /.../» (pp. 149-150)

Temos igualmente a profusão de seres aquáticos:

«Água presa, como a do igapó, à concavidade da terra e abandonada pelas outras, que se tinham ecoado mal o rio dera em vazar, formara pequeno lago e recolhera quantas vidas por lá deambulavam. A princípio, era

uma alegria, topada no meio da selva, a oferecer à luz solar a face lisa e brilhante. Vinham, então, os patos bravos chafurdar ali e as próprias onças traziam os filhotes a dessedentar-se. /.../ Mas, com o verão em culminância, o sol ardia mais e o que fora um metro de profundidade, era, agora, só dois palmos. O lago começava a secar e os reclusos a morrerem. /.../ À superfície reluzia agora, a escama dos cadáveres e, no céu, os urubus iam riscando os seus adejos sombrios. Tudo aquilo se corrompia e fermentava /.../ Dir-se-ia que nenhuma vida resistiria àquele império de morte. Mas não. Na sua ânsia louca de criar, que a levava a ilogismos perturbantes, abalando o siso de botânicos e zoólogos, a selva dera existência a seres que brotavam da própria podridão. E fervilhavam, agora, no lodo em que se transformara a água prisioneira. Vermes? Não. Traíras, cascudos e acarás, peixes da lama, peixes negros de óssea revestidura, que era como uma couraça e cuja cauda, ignorante dos grandes cursos, se comprazia em espadanar no lóbrego iremedal». (pp. 150-151)

Noutra ocasião, Alberto ao ir lavar garrafas para o patrão encontra duas serpentes que o aterrorizam e enumera a profusão de répteis que espreitam na selva:

«Era o maior choque que ele podia sofrer. Entre todos os terrores da selva, aquele marcava nos seus nervos vinco profundo. Nunca pudera ver, nem mesmo nas páginas das revistas, um réptil daqueles sem se crisar todo, num medo de que a sua inteligência, minutos depois, se ria. Ali, o pavor era obsessão, com as surucucus fatais, as cipós, verdes e esguias, que corriam atrás dos cavalos, dando-lhes, com a cauda, chicotadas na garupa, até o animal se empinar e o cavaleiro vir ao chão, se não se precavia a tempo; a cobra de água, que tinha papel nas lendas nativas /.../ e mais dum indígena afirmara já que a sucuri-jú até a bois inteiros comia /.../ Mas a variedade não terminava aí. Havia a jibóia, que atingia também muitos metros e tinha olhos de hipnotizador /.../ havia a caninana, a jararaca, a cascavel — e ainda uma série interminável cujos nomes ele não fixara, mas que constituiria um serpenteário de alucinação em prodigiosa Arca de Noé». (pp. 218-219)

Nesta obra temos também vocabulário próprio da região amazônica e ligado a um determinado meio sócio-profissional. Assim, na viagem de barco pelos afluentes do Amazonas conhecemos diferentes tipos de embarcação:

«Dali se abarcava a baía do Guajará, debruada, ao fundo, pela linha verde e irregular da floresta e cheinha de «gaiolas» — uns, de cano fumando os últimos carvões da viagem; outros, de bandeira desfraldada, assinando a partida. «Pontões», velhos barcos aos quais haviam extraído o coração mecânico, que o tempo fatigara irremediavelmente, estavam ali paralisados para sempre /.../» (p. 41).

Ou então:

«Mas, no porto de intenso movimento, a sugestão romântica era dada pela asa das «vigilengas» — as leslas canoas que abriam no mar a sua vela e corriam, inclinadas sobre um dos lados, a trazer o peixe a Belém, zigzagueando por entre os navios fundeados na Baía». (p. 42)

A toponímia, uma vez mais mostra a presença ancestral dos colonizadores portugueses. Durante a viagem de barco de Alberto em

A vivência do Brasil...

direcção ao seringal, o leitor é elucidado sobre essa e tantas outras designações:

«Os olhos leigos de Alberto só etiquetavam as palmeiras, de variadíssimas espécies e alturas, que aqui e ali se abriam, entre a ramagem da vizinhança, o seu leque enorme. Alguém pronunciou um nome:

— Os estreitos de breves...

— O mestre, dado o passageiro ser bem posto e bem falante, explicou-lhe que tinham sido dois irmãos portugueses, que ali possuíram uma roça, quem forneceu o nome àquela teia de «paraná» — labirinto de líquidos corredores estendido sobre a terra ainda inconsistente e que os navios cruzavam para encurtar caminho. E não se admirasse ele: dali em diante encontraria muitos nomes de Portugal baptizando as cidades que se miravam no grande rio. Era Santarém, era Alenquer, Óbidos, Borba e Faro — onde o «Justo Chermont», não chegava, /.../.» (p. 58)

Para terminar esta evocação do romance *A Selva* gostaríamos de citar a carta escrita por Ferreira de Castro ao gerente do seringal em 1936. Trata-se dum precioso documento que atesta indubitavelmente a influência que o Brasil, em especial a região amazónica, exerceu no escritor, assim como a ternura que o autor dedicou à sua pátria de exílio:

«Ao Sr. António Guimarães:

Por carta do nosso comum amigo Sabino Durães, soube que a gerência do «Paraíso» estava actualmente entregue a si. Passei alguns anos nesse seringal, sobre ele escrevi um livro e dele gostaria de ter algumas pequenas recordações. Pedia-lhe, por isso, o favor — se tal lhe for possível — de enviar-me algumas fotografias que me possam dar uma ideia do seu actual aspecto. Também lhe agradecerá que me enviasse uma pequena caixa com terra do «Paraíso». Desejaria que esta fosse tirada do local onde outrora existia uma sapotilha, isto é, defronte da escada central do barracão, ou então do lugar onde, há muitos anos, houve um cemitério, ao fim do sítio, junto ao começo do igapó. Queria que ela fosse posta sobre a minha sepultura quando eu morrer.

Espero ficar a dever-lhe este favor e peço-lhe para me escrever uma longa carta a dizer-me como se encontra, presentemente, o «Paraíso».

Sauda-o mui afectuosamente o

Ferreira de Castro».¹³

O penúltimo autor que nos propomos estudar é **Miguel Torga**, pseudónimo de Adolfo Correia da Rocha, nascido em Trás-os-Montes em 1907 e falecido em Coimbra em 1995. Tal como nos casos anteriores, estamos cientes que a obra do escritor reflecte o seu percurso de vida, aspectos que o escritor corrobora ao afirmar:

«O tempo acabara por me ensinar que não há espelho mais transparente do que uma página escrita. É nela que fica testemunhada para todo o sempre a verdade irreversível do autor: a sua autenticidade, se foi sincero, e a sua falsidade, se mentiu. É aí onde os possíveis leitores de hoje e os de

amanhã o surpreendem e julgam, e ele próprio, que se procura, acaba por encontrar uma imagem à sua semelhança ou uma ficção irremediavelmente desfigurada».¹⁴

Assim, vejamos sucintamente a sua biografia e sobretudo a sua estadia no Brasil. Nascido de pais camponeses pobres, e uma vez terminada a escola primária com distinção, surge a hipótese de emigrar para o Brasil mas afinal acaba por ir para o seminário em Lamego. Torga conclui não ter vocação para padre e novamente o Brasil aparece no seu horizonte como a única saída. Deste modo, parte da sua juventude é passada nesse país distante donde regressa em 1925. Frequentou depois a Faculdade de Medicina em Coimbra, onde se formou. Passou então a conjugar a carreira médica com as Letras, deixando vasta obra poética, ensaística, ficcional e de pendor memorialista nomeadamente a série *Diário* e *A Criação do Mundo*.

Da sua experiência como emigrante deixou-nos páginas belíssimas mas dolorosas. Assim, no texto da conferência «O Drama do emigrante português» afirma:

«Pronuncia-se aqui não um pobre escritor, mas um antigo emigrante. Um homem que aos treze anos embarcou também para a lonjura, e ficou marcado pelo ferro em brasa de cinco anos de ausência da sombra tutelar dos seus penates, e endemoninhado pela sedução duma terra tropical, onde até o pranto deita raízes. Um adulto que, replantado outra vez na sua courela original, ama devotadamente o Brasil onde a sua infância infeliz acabou e a sua juventude atormentada começou, e que o ama justamente por ele ser o arquivo irremovível de recalcadas esperanças, de insatisfeitos desejos, de sonhos, de emoções e paixões que a lembrança revive quando furtivamente se exila.»¹⁵

O problema da divisão do ser espiritual é comum aos vários emigrantes e perdura:

«Ah, como eu gostaria de estremar o recheio da memória, de clarificar dentro de mim tal nebulosa, e sentir reduzida a um só vector a disparidade de forças que me atravessam! Mas não posso. Confundo no mesmo espanto a Urso Maior e o Cruzeiro do Sul, a flor do ipê e a do rosmaninho, a água do Doiro e a do Paraíba. Misturo tudo. E esse dualismo interior mortifica-me o coração. Torna-me inseguro e vulnerável. A minha unidade telúrica desintegrou-se. E convivem na mesma carcassa dois seres opostos.»¹⁶

E mais adiante reitera essa dualidade que marca o emigrante:

«Marcado por dedadas imperecíveis, o pacóvio que retorna, ou o viziño que, maltratado pela fortuna, lá fica pelos sertões a mourejar, é um ser bifronte, a olhar perpétuamente em duas direcções opostas, ansioso por partir e regressar no mesmo instante, a chupar mangas e a desejar cerejas no paladar. Tudo se baralhou no seu instinto, no seu subconsciente, na sua natureza íntima e original. Mete a mão na arca da personalidade, e encontra um caos de valores contraditórios.»¹⁷

¹⁴ M. TORGA, *A Criação do Mundo* vol. IV, p. 17.

¹⁵ M. TORGA, «O Drama do Emigrante Português», pp. 109-110.

¹⁶ *Ibid.* pp. 111-112.

¹⁷ *Ibid.* pp. 114-115.

¹³ J. NAVARRO, *Ferreira de Castro e o Amazonas*, p. 165.

Em última análise o que predomina é um sentimento de não pertença, um ver-se sempre como estrangeiro ou estrangeiro em qualquer dos territórios, senão vejamos:

«Português no Brasil, brasileiro em Portugal, o emigrante fica sem pátria, tendo duas. Num lado fala uma língua e tem hábitos que o denunciam como alheio; no outro não pode esconder um sotaque e uns gostos que o marcam como desenraizado».¹⁸

Para terminar esta reflexão que Torga faz sobre a emigração citaremos ainda um excerto em que é evidente a cultura clássica do autor na sequência de metáforas e comparações utilizadas, dando-nos uma bela imagem da identidade simbolicamente reencontrada:

«/.../ é um Sísifo da planura oceânica, condenado a empurrar eternamente a alma de Lisboa ao Rio, e vice-versa. Ah! se ele pudesse secar o lago e unir as margens! Se as duas pátrias se ligassem como metades dum fruto! Em ambas mourejou, amou, procriou e sofreu. Em ambas estão sepulturas à espera do seu corpo».¹⁹

Pelos excertos do ensaio citado facilmente podemos constatar que a experiência de Torga enquanto emigrante, apesar de dolorosa, foi enriquecedora e portanto inolvidável. Na obra *A Criação do Mundo*, de carácter memorialista mas igualmente de teor ficcional, estão presentes as marcas dessa passagem por terras de Santa Cruz. Vejamos em pormenor essa presença e as imagens que o Brasil terá deixado no escritor transmontano.

Sem vocação para o seminário, e por desejos do jovem Torga, a sua modesta família opta por enviá-lo para o Brasil onde os tios o acolhem com pouca ternura. Poucos anos depois acaba por regressar a Portugal, oferecendo-se o tio para lhe financiar os estudos em Coimbra, cidade onde se formará em medicina. Em *A Criação do Mundo*, a personagem Mário relata a sua experiência no Brasil e apesar dos nomes mudarem, memórias e ficção imbricam-se de tal modo que é difícil saber onde começa a realidade e acaba o domínio do imaginário. A despedida da família, a viagem de barco para o país estrangeiro com o apoio distante do Sr. Gomes, comerciante encarregado de entregar o jovem de doze anos ao tio até que surja a terra desejada e temida simultaneamente, são assim evocados:

«E numa segunda-feira, cheia de sol, o Brasil apareceu. Ia olhando, mas não via coisa com coisa. Eram ilhas e montes, e casas, e navios, e gente a acenar, e uma grande aflição dentro de mim. /.../ E daqueles homens todos, vestidos de branco, algum seria meu tio? /.../ Era aquele sujeito alto e forte, de meio dente de oiro, que me perguntava ao fim da ponte que ligava o *Arlanza* à terra, com o meu retrato na mão, se eu me chamava Mário. Quem havia de dizer que era meu tio! Mas era. Vinha para me levar para a tal fazenda de Minas Gerais».²⁰

Tio e sobrinho efectuam depois a viagem de comboio desfilando as imagens em catadupa à medida que se deslocam:

«Aquele era a Avenida Rio Branco, aquela era a Avenida Beira-Mar, aquela era a estátua de Pedro Álvares Cabral, aquela era a Avenida do Manguê, aquela era a estação da Leopoldina Railway.

Ali era Petrópolis, ali Entre-Rios, ali Recreio, ali Cisneiros, ali Palma, e na próxima estação descia-se a gente».²¹ (p. 77)

Ao jovem espera-o uma viagem nocturna em carro de bois até à fazenda e o acolhimento algo frio da família, sobretudo por parte de sua tia. As suas primeiras impressões têm o seguinte teor:

«No dia seguinte acordei para a terra onde estava a minha felicidade. A avaliar pelo que via, o Brasil, o Brasil onde toda a gente ficava rico, era aquela casa enorme suspensa no meio da encosta por meia dúzia de esteios de madeira, barracões ao lado, um terreiro enorme à volta, talvez um moinho lá em baixo a fazer um barulho pavoroso, laranjeiras com laranjas maduras ali perto e um mato medonho a cercar tudo. Mas o Brasil, em verdade, era maior. Ainda havia quilómetros e quilómetros de cafézais, encostas plantadas de cana, várzeas cobertas de arrozais, extensões enormes de matas virgens /.../ montes e montes cobertos de capim onde viviam vacas brancas às manadas, um engenho de café, a fábrica do açúcar, o alambique da aguardente, outro moinho, um rio quase como o Corgo, e um nunca acabar de pretos e pretas» (pp. 80-81).

Os primeiros tempos são considerados de aclimação para o jovem Mário e, portanto são-lhe dadas apenas algumas tarefas e o tempo restante vai-lhe permitir ir descobrindo o novo país. Posteriormente virá então um período mais duro ocasionado pelo excesso de trabalho assim como pelo tratamento cruel por parte de sua tia:

«Fiquei no terreiro. O negro Salvador foi o meu mestre. Em pouco tempo deu-me pronto. Ele e os insultos de minha tia ensinaram-me num abrir e fechar de olhos a obrigação de todos os dias. De manhã, mungir as vacas que davam leite para casa /.../ tratar dos porcos, ir buscar os cavalos da cocheira ao pasto, limpá-los e arreá-los, rachar lenha, varrer o terreiro e atender a freguesia que vinha comprar fumo, cachaça, carne seca, etc., ou trocar grão por fubá. De tarde, descamisar e descarregar milho, ir à lenha, tratar novamente dos porcos, prender os bezerros das vacas do terreiro, carregar o moinho, /.../ procurar pelas capoeiras as porcas e as vacas paridas. /.../ Ao anoitecer, montado na égua Havana, ia buscar o correio a Sousa Pais. Depois de voltar, tinha ainda a meu cargo a escrita da fazenda. Por fim, verificar se as portas da casa estavam bem fechadas. Era o último a dormir e o primeiro a levantar-me. Um serviço danado. Meu tio, porém, não admitia uma palavra que não fosse de pura aceitação das suas ordens, e minha tia ainda achava pouco».²² (pp. 88-89)

Eram de facto tarefas exageradas e de demasiada responsabilidade para uma criança de doze anos apenas. No entanto, apesar dos sofrimentos infligidos por sua tia, do Brasil fica-lhe uma imagem grata:

«Fora das lunetas de minha tia, aquele Brasil era um deslumbramento. Era um tatu que à minha vista fez um buraco com as patas e se enterrou no seio da terra num abrir e fechar de olhos! Era uma manada de macacos

¹⁸ *Ibid.* p. 118.

¹⁹ *Ibid.* pp. 118-119.

²⁰ M. TORGA, *A Criação do Mundo: Os Dois Primeiros Dias*, Coimbra, 1952, pp. 75-76.

que, mal ouviram um tiro, se atiraram do cipó abaixo e desapareceram! Era um tocano, com o seu bico assombroso! Era uma terra nova nuns olhos novos! Mas a grandeza de tudo amesquinhou-se nas lunetas de minha tia». (pp. 92-93)

As recriminações da tia acabam por surtir efeito sendo o sobrinho afastado da fazenda. Com efeito, a tia via nele um potencial herdeiro dos bens que a mesma destinava aos seus filhos do primeiro casamento. Mário de Araújo, com quinze anos, retoma então os estudos em Ribeirão Preto. Algum tempo depois o tio decide vender a fazenda e regressar a Portugal, e a cidade é assim recordada pelo jovem: «E Ribeirão ficou para sempre naquele vale cheio de sol, com os seus cedros velhos no jardim público, o seu Ginásio de dois andares, e o seu engenho de café na rua Afonso Pena». (p. 171)

Mário, ao deixar o Brasil é já outra pessoa, o sofrimento amadureceu-o mas endureceu-o também e tem um olhar diferente para o que o rodeia:

«Petrópolis apareceu daí a pouco, cheia de cravos. Depois começou a descida para o Rio, vagarosa, íngreme, dentro do véu da noite que caía /.../ A cidade, agora, tinha outra realidade. A ingénua meninice que a vira em espanto e desespero à chegada do Arlanga, morrera. /.../ Nenhum dos cinco andares do Hotel Central, onde nos hospedámos, me pareceu, como da primeira vez, um prodígio de equilíbrio e de arquitetura. /.../ Nem o mar da Baía Guanabara, no dia seguinte, conseguiu perturbar-me a visão serena de tudo». ²¹

Assim, do Brasil imenso só conheceu o escritor a fazenda dos familiares em Minas Gerais, a cidade de Ribeirão, o Rio de Janeiro ou outras poucas localidades apenas de passagem. Não nos é dada uma visão alargada e aprofundada do país. Nem de outro modo poderia ser pois a sua vida confinava-se a um espaço restrito e pouco convivera para além do círculo familiar que só lhe deixou amargas recordações, ou de um ou outro colega do colégio.

Na obra deste autor são raras as passagens em que há alusão ao modo de falar tipicamente brasileiro. Um desses momentos confere verosimilhança à narrativa e apresenta o percurso de Mário, chegado da metrópole, até à fazenda num carro de bois conduzido por um miúdo e acompanhado pelo preto Anacleto: «— Dou em você, moleque safado, si cochila...

Depois ouviu-me soluçar. Pôs-me carinhosamente a mão nas costas e falou-me /.../ — Seu minino, deixe di bobage...». ²² Temos o vocabulário do português do Brasil («moleque», «cochilar», «boba-gem») e diferente forma de tratamento («seu»).

Já em Portugal, temos a reacção da mãe perante o modo de falar do filho regressado do Brasil: «Mas minha mãe protestava indignada contra o meu sotaque brasileiro. — Fala-me português, homem!» ²³ Em

determinado momento, sua tia, dada a credices e feitiços conta uma história bastante inverosímil em casa dum antigo «torna-viagem», agora figura importante na povoação. Este não se contém dizendo:

«— Oh! minha senhora, pelo amor de Deus...

— É verdade. Lhe juro.

— Qual verdade, nem meia verdade! Sejamos pessoas inteligentes, do nosso tempo! /.../ — Garanto que se abriu a terra, e que o negro ficou enterrado até à cintura. Eu vi ele. Então vieram os urubus, e começaram a comer. /.../ — Pois fique sabendo que não é tapeação. Contei direitinho o acontecido. Tim-tim por tim-tim. Me lembro até...». ²⁴

Neste excerto, em que se procura exemplificar a fala da tia com sotaque brasileiro temos a utilização de vocabulário diferente «tapeação», assim como o diferente uso e colocação na frase das formas pronominais («vi ele», «lhe juro», «me lembro»).

Vemos pois que vários anos após a sua estadia no Brasil, Miguel Torga com base em momentos lá vividos redige a obra *A Criação do Mundo* em que relata pormenorizadamente o que viu e sentiu. As marcas deixadas por essa experiência de emigração foram pois profundas e duradouras.

O ficcionista, ensaísta e dramaturgo **Joaquim Paço D'Arcos**, nascido em 1908 e falecido em 1979, com mais de uma dezena de obras publicadas e traduzido em várias línguas, aparece dividido entre a tentação do exotismo e o propósito de relatar uma «comédia humana» lisboeta. No presente estudo interessar-nos-emos pela sua experiência de emigrante no Brasil e a influência que a mesma terá exercido na sua produção literária.

Com efeito, J. Paço D'Arcos estreou-se nas Letras, em Lisboa, como polemista mas foi também jornalista, em S. Paulo, e exerceu igualmente no Brasil a profissão de antiquário. Essa experiência no país estrangeiro forneceu-lhe o material necessário para a elaboração de duas obras: *Amores e Viagens de Pedro Manuel* e *Diário dum Emigrante*, sobre os quais nos debruçaremos mais em pormenor.

A primeira obra é das mais antigas do autor e data de 1935. Pedro Manuel é o protagonista possuindo certos traços donjuanescos. Trata-se dum tipo de sedutor equilibrado, de fundo honesto e sensível. Esta personagem constitui igualmente uma espécie de «alter ego» do autor, tal como Fradique Mendes o era para o escritor Eça de Queirós.

No prefácio ao livro, o autor apresenta-se como o fiel depositário de papéis deixados por Pedro Manuel procedendo à sua respectiva publicação. São várias novelas que o autor prefacia referindo-se a Pedro Manuel como se de um ser real se tratasse. Este, aventureiro e viajante

²¹ M. TORGA, *A Criação do Mundo: O Terceiro Dia*, Coimbra, 1952, p. 11.

²² M. TORGA, *A Criação do Mundo: Os Dois Primeiros Dias*, p. 78.

²³ M. TORGA, *A Criação do Mundo: O Terceiro Dia*, p. 28.

²⁴ *Ibid.*, p. 32.

incansável, deixara a Paço D'Arcos a tarefa de tratar da edição das suas obras enquanto se ausentava e não lhe tendo dado quaisquer notícias.

O autor apresenta-nos Pedro Manuel como um ser inteligente, simpático e cosmopolita, o qual fora, durante algum tempo, seu companheiro de estudos. Pedro Manuel estivera na América, no Japão, na China, em África e em ilhas várias. É interessante e astucioso este processo que pretende conferir verosimilhança à futura narrativa e que pretende levar o leitor a acreditar na existência real da personagem Pedro Manuel. Esse mesmo processo será igualmente utilizado na obra *Diário dum Emigrante*.

Assim, em *Amores e Viagens de Pedro Manuel*²⁵ apenas duas novelas nos interessam por fazerem referência ao Brasil. A primeira novela intitula-se «Do Niagara a Victoria Falls», e apesar da acção decorrer noutros países, é no Brasil que o narrador-personagem decide escrevê-la explicando-nos os seus motivos, logo na página inaugural:

«Vinha eu em demanda desta terra de promessa que é, para nós, portugueses, o Brasil, quando ao largo da costa da América se deu o naufrágio do «Vestris». Ao desembarcar aqui, era esse ainda o caso que mais espaço ocupava, nas colunas dos diários ./../ Os sobreviventes que se dirigiam para a América do Sul tomaram outros paquetes em Nova York, e quando os primeiros dentre eles desembarcaram no Rio de Janeiro novamente os jornais dedicaram colunas cerradas às suas narrativas. Foi assim que eu soube que entre o grupo de naufragos do «Vestris», desembarcado essa manhã na Guanabara, vinha o meu amigo William B... ./../ Vivera longos anos no Brasil, aprendera correctamente a nossa língua e tinha por nós, portugueses, uma simpatia pouco vulgar entre os da sua raça. Essa atitude tornou-se-me simpática e daí nasceu o nosso convívio, que breve se transformou em amizade.

Por isso, quando o soube, salvo da enorme tragédia, ali de novo perto de mim, hospedado no *Glória*, imediatamente o fui abraçar. William B... mostrou sincera alegria em tornar a ver-me. Conversamos todo o resto da tarde na varanda do hotel, sobre a larga baía». (p. 19)

Nessa conversa com o amigo é feita alusão a um nome que despoleta a recordação de um caso amoroso vivido por Pedro Manuel:

«Disfarçando a comoção, aproximei-me da balaustrada da varanda. Sobre a baía serena, de águas quase paradas, começava a cair a noite. Acendiam-se ao longo da margem as luzes da Avenida Beira-Mar; o Pão-de-Açúcar era uma sombra, já, a infundir tristeza; em frente, do lado oposto, mas distante, cintilavam também as primeiras luzes de Niterói. Eu olhava a baía tão vasta e tranquila; mas, tinha os olhos marejados de água». (p. 21)

Até então, a conversa entre os dois amigos que se haviam reencontrado tinha sido serena e descontraída, mas a evocação do nome de Sónia, uma mulher russa sobre a qual se abatera uma tragédia, transfigura o estado de espírito de Pedro Manuel que a amara. A paisagem observável da varanda, de certo modo, propicia a nostalgia do protagonista com a noite que começa a cair, e a sombra do Pão-de-Açúcar que dispersa o seu halo de tristeza. No entanto, essa paisagem tão serena estabelece um contraste com o sofrimento interior e as comoções que

agitam o espírito de Pedro Manuel, cuja marca visível é constituída pelas lágrimas que ele pretende esconder do seu interlocutor William B. Terá sido a partir dessa altura que Pedro Manuel decide contar as suas impressões do Oriente e a sua paixão pela misteriosa Sónia. E nesta novela, aliás a mais extensa, não há mais referências ao Brasil.

A terceira novela intitulada «Amores de Gaúcha» decorre no Rio de Janeiro. A narrativa centra-se numa aventura galante tendo como protagonista uma figura feminina de estranha personalidade. O narrador-personagem, ao deixar a cidade num navio com destino a Portugal, faz uma descrição pormenorizada da paisagem que deixa para trás. A urbe carioca aparece personificada surgindo como uma figura feminina:

«Deixando para trás a praça Mauá e o gigantesco edifício da «Noite», o «Avila» demandou a barra. A cidade, ausente no sopé da montanha, à beira-mar, toda ufana da sua prodigiosa iluminação, desenhava em reflexos dourados nas águas da baía a série caprichosa das suas curvas avenidas marginais. ./../ Aproximamo-nos da sombra negra, maciça do Pão-de-Açúcar. Uma rajada de vento varre o convés. ./../ Estamos no mar. Logo, surge a extensa fileira de luzes de Copacabana e a cidade agora contorna, limita, envolve, num serpentear fantasmagórico de luzes, o vulto enorme do Corcovado, cujas faldas, somente, a noite permite vislumbrar, cujo cume se escondeu na treva, dando do Cristo monumental que o encima a ideia que desceu a meia altura do Céu, num halo de milagre, todo branco na sua túnica de mármore, onde a luz dos projectores vai incidir, braços abertos, numa bênção, perdendo nossas misérias e erros, compreendendo as nossas dores!» (pp. 150-151).

É evidente que esta descrição do cenário carioca contribui para a verosimilhança, pelas referências a um espaço concreto e bem identificável enraizando no real a diegese, mas também nos parece conter uma carga conotativa pois esta descrição é inseparável do estado de espírito do narrador-personagem. Assim, se compreende que do Cristo-Rei se desprenda a áurea de milagre e de compreensão dos sofrimentos humanos, pois Pedro Manuel vive momentos de angústia. Aliás, este narrador dominado pelos seus próprios pensamentos, comporta-se frequentemente como uma espécie de cicerone. Este vai mostrando ao leitor o que em seu entender este deverá ver e apreciar a nível espacial. Mais adiante surge outra evocação descritiva:

«Foi há quarenta e nove dias que desembarquei no Rio de Janeiro, vindo de Portugal. Havia mais de dois anos que desse mesmo cais, Armazém 17, donde outro dia largamos, eu partira para a Europa, crente que tão cedo não tornaria a pisar aquela terra, onde fora pouco feliz. Afinal a ela voltava, por bambúrrio, por acaso, por destino. Desembarquei e fui hospedar-me num dos hotéis da avenida marginal no *Flamengo*. ./../ reatei conhecimentos antigos, tratei dos negócios que me tinham trazido ao Brasil, e convivi também com alguns companheiros de bordo, com os quais passei a encontrar-me às noites, em seguida ao jantar, no Café Belas Artes. ./../ sentou-se ocasionalmente a outra mesa, perto da minha, uma mulher que vai encher com a sua estranha personalidade toda esta história que lhe estou a contar». (p. 152)

Esta novela apresenta como outros cenários a estrada da Gávea de onde se espreita o abismo, a praia do Joá com festas nocturnas, um

²⁵ Joaquim Paço D'ARCOS, *Amores e Viagens de Pedro Manuel*, S. Paulo, Clube do Livro, 1953.

dancing em Copacabana com a presença do mar em face e o ambiente do Jockey Clube em tarde de corridas constituindo quase um centro de reuniões. E a presença do Brasil centra-se nestes aspectos essencialmente paisagísticos, já evocados pela personalidade do narrador que tudo filtra e domina.

Em *Diário dum Emigrante*²⁶ de 1936, volta a surgir o Brasil e Pedro Manuel como personagem. Temos novamente uma narrativa de teor intimista, pois trata-se do diário dum emigrante português que procura o sucesso comercial em S. Paulo. Muitos emigram sem instrução, sem emprego, posses ou conhecimentos vantajosos e triunfam, mas Pedro Manuel que possuía um plano determinado – o de estabelecer-se como antiquário – e a quantia necessária para financiar o seu negócio não venceu. Assim, a temática do livro consiste no desfazer de sonhos e consequentes modificações dos estados de alma de Pedro Manuel.

No prefácio à obra *Diário dum Emigrante* refere J. Paço D'Arcos:

«Foi a tragédia deste emigrante que o autor quis focar e para isso bastou-lhe agrupar páginas do seu próprio diário. Não tentou, segundo me disse, escrever um romance; se estas páginas reunidas o produziram, tanto pior para ele porque o viveu e ao drama que o constitui.

Outra ideia ainda sugere esta leitura: paralela à tragédia do emigrante ludibriado, espoliado do pouco que tinha e sobre o qual julgara alicerçar uma fortuna, desenvolve-se o drama /.../ do coração exilado, proscrito para longe de afectos e de esteios, que voga desamparado à mercê dos mais contraditórios estados de alma, e que só encontra num amor adúltero bálsamo para a sede irremediável, feita de nostalgia e de alento viril, que no desterro, solitário, o consumia».

Assim, tal como na obra anterior, Joaquim Paço D'Arcos, no intuito de conferir verosimilhança à narrativa, apresenta-se como mero depositário dos textos que lhe foram confiados por Pedro Manuel. Nesta obra predominam os estados de alma, as reflexões subjectivas de Pedro Manuel sobre o que observa e sente, desde as evocações da viagem até à sua estadia no país estrangeiro. As primeiras páginas do *Diário* são bem elucidativas a esse respeito:

«Novembro, 3

Trago ainda na memória a lembrança daqueles choros, ontem, no cais, na hora da partida. Aquela mulher que gritava: ai o meu Manel, que não o torno a ver! – E os soluços dos filhos e o desespero da velha, que só dizia – coragem, rapariga! – e chorava cada vez mais.

E o meu Manel, com um ar idiota, a olhar para o rancho da mulher, da mãe e dos filhos e sem saber que lhes dizer.

Porque diabo este pacóvio largou tudo e abalou também?

E os outros, – toda a malta da terceira, imunda e sórdida – miseráveis, porque trocam a sua pobreza livre pela escravidão? E eu?». (p. 7)

Pedro Manuel, inteligente e culto prenuncia dolorosamente já o desabar das suas ilusões igualando-se a qualquer emigrante devorado pela ambição:

«dia 7

Também a nostalgia me assalta? Não sou eu do mesmo barro tosco e imperfeito em que são moldados esses pobres seres que aos montões, entre sacos, cestos e restos de comida /.../ arrastam na terceira sua obscura odisséia de emigrantes? Se eles cantam à noite as canções das suas terras, por que hei-de eu abafar em mim as vozes que murmuram a saudade do lar abandonado e deserto? Eu sou como eles; trago o mesmo passaporte de emigrante; e o bem estar desta classe em que viajo não me contagia a alma, desolada como a deles, igualmente só e interrogativa à esfíngica aventura em que todos nos lançamos com a mesma enganadora ânsia de triunfo». (p. 8)

A cidade escolhida para estabelecer a sua actividade como antiquário foi S. Paulo, a qual se lhe revelou pouco propícia. Aliás, desde o início Pedro Manuel tem uma visão negativa dessa cidade que se vai acentuando com as suas desilusões:

«Para o viajante que vem do Rio é desoladora a primeira impressão de S. Paulo. Mal chegados, instalei-me, com o Jonas, em casa do Vasco. O Jacob foi para sua casa. /.../ Uma vez instalados dedicámo-nos aos negócios: vamos abrir uma loja». (p. 22)

E mais adiante:

«Estou em plena fase de aclimação. A terra que escolhi para nela estabelecer pousada, ou para a qual os fados me atiraram, poucos encantos oferece. É uma cidade grande onde o trabalho parece ser lema; não tem as avenidas nem o ar alegre do Rio. As gentes são reservadas, desconfiadas... /.../ O mot d'ordre único, imperativo, é ganhar dinheiro, e os escrúpulos na escolha dos meios devem ser nenhuns». (p. 22)

O desalento insidiosamente vai-se apoderando da sua alma, continuando um português desambientado em terra alheia:

«Olho os fios de chuva que batem e ricocheteiam no asfalto, ou a água que cai em catadupa do algeroz fronteiro.

Nem vivalma. Com tal dia quem se lembra do antiquário, da peça de faiança da China ou do móvel de jacarandá. E como este são todos os outros dias, igualmente tristes, igualmente pluviosos.» (p. 30)

No entanto, a visão do Brasil nem sempre é desencantada. Do Rio de Janeiro tem a personagem as mais gratas impressões:

«Do Rio trago a lembrança das suas avenidas marginais, da vista soberba do Corcovado ou do Pão de Açúcar, das matas da Tijuca e do calor.

Trago a lembrança dos primeiros olhos doces de mulata que fixei... mas a luz dos olhos de Sarah ainda não se extinguiu. Vivi como turista os quatro dias que lá estive; não enfrentei portanto até agora a realidade.» (p. 22)

²⁶ Joaquim Paço D'ARCOS, *Diário dum Emigrante*, Lisboa, Guimarães Editores, 1955 (5ª ed.).

Por vezes, Pedro Manuel vai ao Rio comprar mercadoria para a loja de antiguidades trazendo sempre uma recordação agradável da cidade carioca:

«Copacabana é uma praia extensa, em meia lua, orgulho desta terra e destas gentes. É, de facto, como tudo aqui em volta, dádiva generosa da Natureza, bem aproveitada pelos cariocas. Fui lá tomar banho à tarde e, à noite, com uma pequena, Nahir, bailar num cabaret». (p. 28)

As reflexões sobre o Rio de Janeiro são sempre pautadas por comparações com S. Paulo, aparecendo esta última sempre negativizada:

«Não me aclimatei ainda. Ao fim de três dias de permanência no Rio sentia-me cidadão carioca. Voltei lá uma vez e parecia ter voltado à minha terra. Estou aqui há mais de um mês e sinto dentro de mim o desterrado e tudo à minha volta me recorda o exílio; cidade sombria, de almas sombrias» (p. 29).

Parece-nos natural que Pedro Manuel tenha uma visão disfórica de S. Paulo pois nela só encontrara o desengano, ao passo que no Rio de Janeiro viveu sempre despreocupado curtas estadias de turista.

Pedro Manuel sentir-se-á bastante solitário ao longo de toda a narrativa pois o seu convívio limitava-se quase exclusivamente aos seus sócios: outro português e dois judeus, os quais foram os causadores da sua ruína como antiquário em S. Paulo. No final do *Diário*, ao reflectir sobre o seu percurso de vida durante um ano e pouco de emigração, afirma a certa altura:

«Éramos quatro quando encetámos o negócio; hoje estou só. Abalou primeiro o Jacob e em boa hora o fez. /.../ partiu em seguida, o Vasco, a retemperar-se no concheio da família e não sei com que largo projecto de regressar possuidor de novo e rico carregamento que lhe restaurará a fortuna, e para o financiamento do qual contava descobrir outro papalvo do meu jaez. Foi-se agora o Jonas, não por vontade própria, pois seu desejo seria terminar em paz a lenta e metódica espoliação que desde o início da sociedade com rara persistência ia levando a termo, mas enxotado por mim /.../.» (p. 212)

No mês de Setembro, ao fazer um balanço à sua vida, profere estas reflexões amarguradas:

«Vim para o Brasil com uma profissão definida, com a minha actividade restringida a um determinado ramo de negócio. Era antiquário; há profissões mais importantes, também as há de menor interesse e eu já exerci umas e outras; mas era antiquário. Hoje não sou coisa alguma». (p. 215)

Pedro Manuel, roubado pelos sócios e cada vez mais só, considera a sua situação como inelutável pensando que a mesma poderia ter tido um desenlace diferente se tivesse buscado a companhia da comunidade emigrante portuguesa:

«Como criei, a mim próprio, tal situação? Nem eu mesmo sei. De começo limitei o meu convívio às pessoas que apareciam pela casa do Vasco e poucas eram. Como a colónia portuguesa não constituía clientela de

antiquário, o Vasco não a frequentava e eu, seguindo-lhe na peugada, não a frequentei. Nela encontraria hoje o arrimo de que preciso, se tivesse sabido impor-me no seu seio /.../ Vivi em seguida três meses quase exclusivamente para o amor duma mulher. Longe dela a vida era um desterro, a seu lado uma exaltação. E mais ainda me isolei». (pp. 215-216)

A relação amorosa com Teresa, uma mulher casada e com filhos, concede-lhe um período eufórico mas de curta duração, pois essa relação adúltera é descoberta ficando Teresa impedida de o ver. Pedro Manuel acaba por encontrar trabalho num jornal e tem a oportunidade de conhecer um pintor português, António Carneiro, o qual viera ao Brasil expor os seus quadros. Enquanto crítico de Arte, Pedro Manuel anuncia no jornal a abertura da exposição ficando depois chocado pela ausência de público interessado. Essa cena serviu aliás para mostrar o febril espírito mercantil, especialmente na cidade de S. Paulo, o que a leva a confundir progresso e civilização:

«O António Carneiro abriu hoje às cinco horas a exposição numa grande sala térrea junto ao Teatro Municipal. Quando cheguei supus que o acontecimento adquirira os foros que eu havia anunciado, tão grande era a fila de automóveis à porta. Logo reconheci que me enganara, pois que a selecta assistência viera toda ao chamariz da inauguração dum stand de automóveis, que se realizava à mesma hora nas salas contíguas e à qual compareciam as entidades oficiais e todo o alto comércio. Quando passei rente à porta, a assistência bebia champagne e ouvia em recolhimento um orador que vociferava:

«Graças ao esforço destes nossos amigos, S. Paulo, conta de hoje em diante com mais um centro vital donde irradia sua fulgurante civilização».

Não percebi o resto da arenga; o orador continuava a vociferar, mas já eu, desprezando «o centro de irradiante civilização», me refugiara na sala onde o velho pintor, ladeado da esposa, velhinha como ele, aguardava a chegada dos visitantes. E fui encontrá-los sós na sala deserta. /.../ Como ele, eu viera de Portugal, mas com os trastes que adquirira e as pratas que comprara; ele trouxera a sua obra, a obra duma vida inteira, sangue do seu sangue, filha do seu génio, e ali a tinha exposta, pendente dos muros, à espera dum público que passava de largo, atraído por outros «centros de fulgurante civilização»! (pp. 259-261)

Nestas reflexões intimistas próprias dum diário fica o leitor informado sobre a situação económico-social do país estrangeiro, pela vida do protagonista e do meio que o rodeia. Como refere o estudioso António Martins:

«Neste romance, o leitor atento fica informado da rapidez dos acontecimentos no Brasil. Ali, sobe-se fácil e velozmente. Mas, se no acesso é indispensável a firmeza, esta só embaraça quando não orientada noutra rumo ao começar a descida. E a queda é vertiginosa».²⁷

Exemplo disso mesmo é o protagonista, Pedro Manuel arruinado e só, enquanto a multidão, alheia aos seus problemas, vive despreocupa-

²⁷ António de Sêves Alves MARTINS, «O Brasil na obra de Joaquim Paço D'Arcos», Separata da revista *Ocidente*, vol. LXXII, Lisboa, 1967, pp. 257-267.

da parecendo avançar para um futuro promissor. Como se trata duma obra em que um emigrante português encontra o desengano em S. Paulo, não existem extensas descrições do país e não são dados a conhecer os valores espirituais e de cultura ou as diferentes formas de viver do povo brasileiro. O que predomina, como tivemos ocasião de ver, são os estados de alma e por conseguinte o meio exterior é referido sucintamente, enquanto mero desencadeador de um determinado estado de espírito de Pedro Manuel. Assim, não há espaço para a descoberta do outro, sua revelação e análise, pois o «eu» domina e absorve quase tudo.

No entanto o autor conferiu verosimilhança à narrativa e aos caracteres, tanto na sua profundidade e coerência psicológica, ou a nível comportamental, e mais especificamente a nível linguístico. Estamos a referir-nos aos denominados «brasileirismos», frequentes nos conselhos dados pelo casal de criados negros a Pedro Manuel. Relativamente ao seu caso amoroso com Teresa, casada e cliente da loja de antiguidades, o criado Antônio opina: «Patrão, toma cuidado, não conhece esta terra; marido aqui no Brasil, é gente traçoêra, quando menos espera faz um frege bamba e queima o disgráçado». (p. 65)

Assim, temos por vezes vocábulos diferentes dos do português europeu e procura-se mostrar as diferenças a nível fonético, como por exemplo «traçoêra» ou «disgráçado» em que a acentuação evidencia a diferente pronúncia com vogais mais fechadas ou mais abertas. Nas quadras cantadas nas serenatas com Araújo, e a que Pedro Manuel e Enide assistem, estão patentes alguns dos aspectos já referidos:

«Se vocês estão folgando,
É porque não sabem, não,
Como o ciúme está sambando
Cá dentro do coração

Tinha fugido, marruêro,
Aquele flor dos meus ai,
Como uma istrêla qui foge,
sem se sabê prá onde vai...

O mundo é grande, marruêro!...
Grande é o amô, grande é a Fé!...
Grande é o pudê di Maria
Isposa de S. José!...

O Diabo, tômbém, marruêro,
Foi grande! cumo inde é!
Mas porém nada é mais grande,
Mais grande que Deus intê,
Que uma chifrada, marruêro,
Dos olhos duma muié...»
(pp. 188-190)

Nestas quadras, além dos aspectos já mencionados predomina sobretudo a preocupação de mostrar as marcas típicas da oralidade em

palavras como «muié» ou «intê», mas também encontramos o uso do singular pelo plural «aquela flor dos meus ai» ou o uso frequente do gerúndio «folgando», ou ainda a supressão do *r* final «sabê», «amô» e «pudê».

E para terminar estas reflexões de teor linguístico que nos seja permitido citar alguns versos da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen que tão bem sintetiza a riqueza e harmonia do português do Brasil:

Dois Poemas

«Gosto de ouvir o português do Brasil
Onde as palavras recuperam sua substância total
Concretas como frutos, nítidas como pássaros
Gosto de ouvir a palavra com suas sílabas todas
Sem perder sequer um quinto de vogal

Quando Helena Lanari dizia «o coqueiro»
O coqueiro ficava muito mais vegetal»

GEOGRAFIA

Os quatro autores que nos propusemos evocar tiveram em comum uma dolorosa experiência de emigração no Brasil da qual resultou obra literária. No entanto vários aspectos os distinguem.

Francisco Gomes de Amorim da sua experiência amazônica deixou obra ficcional, de sentido humanista e mostrando a comunhão de culturas, embora temporária. No seu romance *Os Selvagens* prima a revelação do outro, neste caso sobretudo da cultura indígena, os seus hábitos, tradições e linguagem. A riqueza da flora e da fauna também é evocada com profusão sendo criado um ambiente exótico, por vezes algo romântico, embora o desfecho do romance o não seja.

Ferreira de Castro parece-nos ser o autor a quem a dura experiência como seringueiro na floresta amazônica mais condicionou a sua vida futura e consequentemente a sua produção literária. O observado e o vivido fornecem-lhe matéria para focar a problemática universal da emigração em *Os Emigrantes*. Por seu lado a dura saga amazônica permitiu-lhe criar um autêntico hino à floresta amazônica, mostrando-nos um espaço fantástico e magnífico mas igualmente terrível, do qual não está ausente uma problemática social de sentido humanista — a da moderna escravidão dos seringueiros. A presença obsidiante da floresta amazônica desabrocha ainda no seu último romance de teor humanista *O Instinto Supremo*, evocando a épica aventura de pacificação das selváticas tribos de índios e que constitui um preito a esse espaço onde convivem, por vezes dramaticamente, homens de diferentes culturas e raças assim como variadíssimas espécies animais e vegetais.

Quanto a Miguel Torga é evidente o seu amor telúrico ao Brasil, havendo um deslumbramento perante todo o espaço que o rodeia assim como pela vida animal que palpita em seu redor. O que afinal ensombrou e limitou a sua descoberta do Brasil foram as suas relações com os

Línguas e Culturas



familiares, sobretudo sua tia que lhe envenenava a vida com críticas e queixas. Temos uma visão reduzida do país para o qual emigrou bastante jovem: a fazenda do tio, a cidade de Ribeirão e algumas impressões de curtas estadias no Rio de Janeiro. Da sua experiência dolorosa resultou *A Criação do Mundo*, uma obra misto de memórias e ficção.

Da sua vivência no meio urbano de S. Paulo, Joaquim Paço D'Arcos fez obra ficcional embora com muito de autobiográfico. Ambos os romances *Amores e Viagens de Pedro Manuel* e *Diário dum Emigrante* são obras intimistas que analisam sobretudo os estados de alma do protagonista Pedro Manuel e a sua experiência de desengano como antiquário. Assim, essa e outras personagens, fechadas sobre si mesmas, algo egocêntricas, só têm olhos de turista para as belezas da paisagem carioca ou para as mulheres brasileiras. Da realidade cultural e sociológica do país apenas nos são dadas visões parcelares e restritas. Igualmente nos aspectos linguísticos se verifica essa mesma parcimônia, sendo registados apenas alguns diálogos evocados, proferidos geralmente por personagens brasileiras e que têm a intenção de conferir verosimilhança à narrativa.

Terminamos estas reflexões com uma declaração de J. Paço D'Arcos numa entrevista em 1958 ao *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro: «Por sobre o Atlântico, Portugal e Brasil devem manter-se ligados afectiva e espiritualmente, e com isso ambas as nações lucrarão».